

Mas por que não teria prosseguido o seu afundamento?
E também pode perguntar-se.

Para quê mais um fosso, pelo lado de fora e paralelo aos dois grandes e fundos fossos que, ao lado e paralelamente, descem a encosta do castro virada a nascente?

Talvez tenha havido o propósito de o afundar a reforçar a linha de defesa formada pelos dois grandes fossos referidos, que se situam paralelos pelo lado norte.

Se houve intento de abrir mais um fosso talvez com a mesma fundura dos dois que se lhe seguem ao lado, pode também perguntar-se.

Que razão ou razões teriam levado a parar com o trabalho e a desistir no propósito de abrir mais um fosso, se é que houve tal propósito?

Ao olhar e ao percorrer aquele estranho regueirão não consegui uma explicação justificativa do mesmo.

É mais um problema que fica em suspenso, o que aliás não é raro suceder em vários aspectos do vasto e complexo âmbito de tantas particularidades arqueológicas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Abril de 1983.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde

Campanha de Trabalhos no Castro de Sabrosa em 1982

Durante a campanha deste ano prosseguimos os trabalhos de limpeza e restauro do castro, realizando-se as seguintes tarefas:

1. Limpeza do reduto cimeiro
2. Limpeza de parte da 2.^a muralha

3. Restauro do torreão
4. Restauro de uma porta na 2.^a muralha

As duas primeiras tarefas foram executadas com a colaboração de cinco estudantes de Sabrosa, inscritos na O.T.L. (OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES PARA JOVENS) e que nos foram dispensados pelo Centro de Emprego de Vila Real.

A limpeza do reduto cimeiro consistiu no corte do mato que todos os anos ali cresce. É formado principalmente por fetos e arbustos de pequeno porte, como carqueja e giesta.

A limpeza da 2.^a muralha foi realizada em todo o seu troço virado a norte e em parte do seu troço nascente, até à porta que fora descoberta e desobstruída durante a campanha anterior.

Numa distância de oitenta metros, desembarçou-se de mato, terra e pedras a face externa daquela muralha que se encontrava praticamente soterrada em quase toda a sua extensão. Ficaram assim a descoberto as pedras faceadas, desde o chão até cerca de 1 a 1,50 m de altura (Fig. 1).

O entulho que se retirou era constituído principalmente por pedras resultantes do desmoronamento da própria muralha (pedras faceadas e pedras de enchimento) e por terra com alguns fragmentos cerâmicos, provenientes de níveis superiores do castro, acima da 2.^a muralha.

O chamado torreão é uma estrutura aproximadamente tronco-cônica, macissa, situada no interior do reduto cimeiro e encostada parcialmente à 1.^a muralha ou muralha principal do castro. Encontra-se no recanto NO daquele reduto que é também a área mais elevada do castro e onde aquela muralha forma um cotovelo.

Pelo lado de dentro do reduto, o torreão está amparado por três paredes semi-circulares que, por sua vez, suportam três patamares de terra e pedra (Fig. 2).

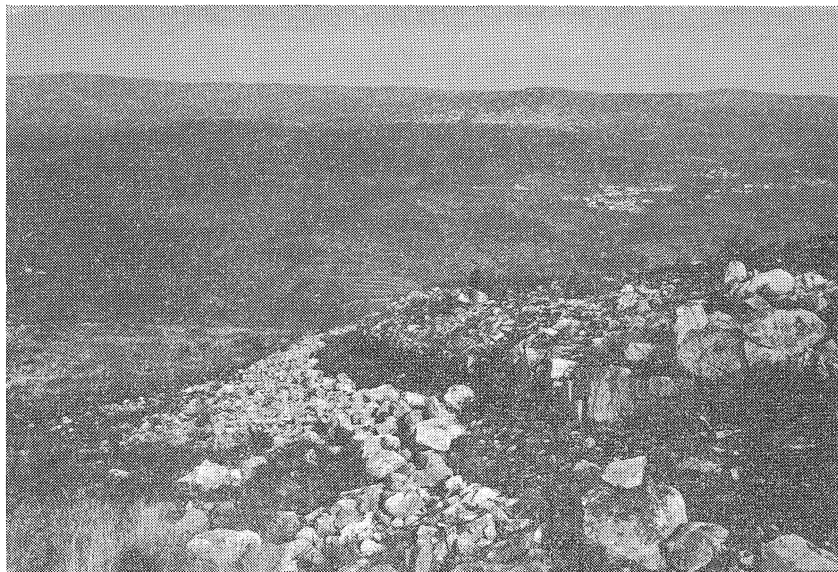


Fig. 1 — Face externa da 2.^a muralha desobstruída de pedras e terras no seu troço virado a norte.



Fig. 2 — Aspecto do torreão do castro, fotografado pela parte de dentro do reduto cimeiro.

Pelo lado de fora, a face do torreão é, desde a base até 2,50 m de altura, a própria face externa da muralha. Daí para cima, e recuado 1,00 m para dentro, levanta-se a face própria do torreão num altura de 1,10 m. Muralha e torreão têm a

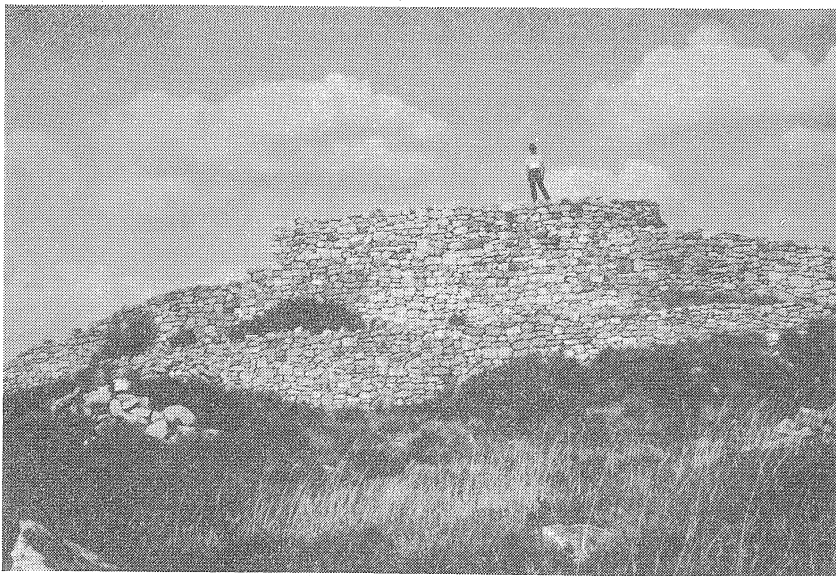


Fig. 3 — Torreão do castro, fotografado pela parte de fora. Vê-se no primeiro plano um muro de suporte, depois a muralha externa do castro, e a seguir, em nível mais alto, o torreão propriamente dito.

aguentá-los, pelo lado de fora, um contraforte formado por parede e patamar com 21 m de comprimento com 1,45 m de altura no seu ponto mais alto (Figs. 3 e 4).

Aquele troço da muralha e do torreão desmoronaram-se há cerca de dez anos, já depois de restaurados em 1970. Supõe-se que por acção de um sismo ou do peso do enchimento do torreão, tudo desabou, de alto a baixo, para o lado de fora.

O restauro efectuado nesta campanha procurou dar ao torreão uma maior solidez, tornando-o menos vulnerável aos agentes naturais e aos «vândalos» que, todos os anos, ali deixam assinalada a sua passagem.

Deste modo, depois de retiradas todas as pedras caídas, voltou a levantar-se a face externa da muralha e do torreão, segurando-se previamente e a vários níveis, com anéis de cimento armado, o seu enchimento. Só depois o pedreiro assentou as pedras faceadas do exterior.



Fig. 4 — Ainda o torreão, fotografado do lado de fora, como na figura anterior, mas dum ângulo mais a norte.

Os trabalhos abrangeram uma área de 10 m de comprimento por 3,50 m de altura e desenvolveram-se com uma certa morosidade, dado que foi necessário proceder-se ao transporte, por carreiro acidentado, dos sacos de cimento, da areia, do ferro e da água.



Fig. 5—Um aspecto da porta restaurada na 2.^a muralha, no seu troço virado a nascente e fotografado pelo lado de fora da muralha.

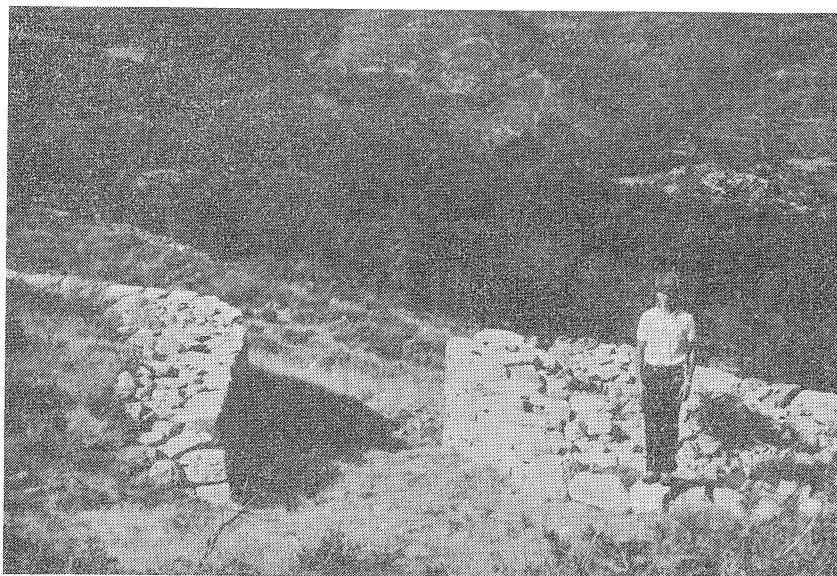


Fig. 6—Outro aspecto da porta restaurada, em fotografia tirada pelo lado de dentro da muralha.

Quando, na campanha do ano anterior, seguíamos o alinhamento dos alicerces da 2.^a muralha, no seu troço virado a nascente, verificou-se que, em determinado sítio, ela inflectia para dentro, o mesmo sucedendo cerca de 2,50 m adiante, formando uma entrada, totalmente entulhada com pedras e terras.

Ainda na campanha anterior se procedeu à limpeza e desobstrução desta entrada ou portal, ficando à vista uma sucessão de três toscos degraus, num dos quais se encontrava incorporada uma lápide funerária romana. Na campanha deste ano foi restaurado o portal que, aliás, é o único existente em todo o perímetro daquela muralha.

Deste modo, do lado da ombreira norte levantou-se parede numa extensão de 11,80 m com 1,35 m de altura no seu ponto mais alto. Do lado sul levantou-se parede numa extensão de 11,0 m de comprimento com a altura de 1,45 m no seu ponto mais alto (Figs. 5 e 6).

Atendendo à natureza do restauro efectuado, não se encontrou espólio digno de menção especial. Tudo se reduziu a alguns pequenos fragmentos de tegula e de cerâmica lisa.

Os trabalhos realizaram-se com a colaboração do Prof. Santos Júnior e mercê de subsídios que nos vieram apenas do Instituto Português do Património Cultural e da Fundação Gulbenkian.

Sabrosa, 10 de Julho de 1983.

CARLOS ERVEDOSA *

Assistente do Instituto Universitário
de Trás-os-Montes e Alto Douro e
sócio da Sociedade Portuguesa de
Antropologia e Etnologia.

* 5060 Sabrosa.